

Joelmir Beting

"Por que cometer erros antigos se há tantos erros novos a escolher?"

Bertrand Russell (1872-1970), filósofo inglês.



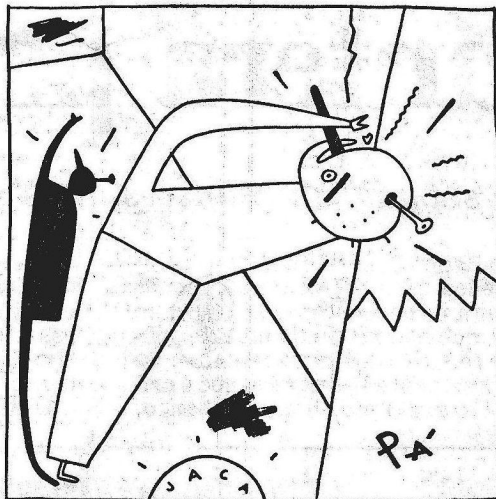
Quem sabe pode

Economista e matemático, o professor Antônio Delfim Netto, que está deputado federal, sustenta que um presidente fraco precisa de um ministro forte. O próprio Delfim Netto foi ministro forte de dois presidentes fracos: Médici e Figueiredo. Presidente forte foi Ernesto Geisel. Ele planejava e decidia também sobre matéria econômica. E fez de Mário Henrique Simonsen, economista e engenheiro, um mero guarda-livros do maior canteiro de obras da história do Brasil.

□□□ No rabo de foguete da crise do petróleo e sob o impulso de banguela do milagre brasileiro, o governo Geisel armou uma bomba-relógio que acabaria explodindo no colo dos anos 80, a década perdida: o endividamento com estatização. Ou a estatização com endividamento. Em 1978, por exemplo, o setor público chegou a responder por 72% da formação bruta de capital fixo na economia brasileira. Um espanto.

□□□ O endividamento externo saltou de US\$ 12 bilhões, em 1973, com juros de 6% ao ano, para US\$ 55 bilhões, em 1979, com juros de até 21% ao ano. Na lateral, o barril de petróleo disparou de US\$ 3,10, em 1973, para US\$ 38,40, em 1979. O Brasil importava 83% do consumo interno. Em 1980, a fatura da Opep somou US\$ 11,2 bilhões. Financiada por empréstimos externos com juros de 21% ao ano...

□□□ Nos juros e nos barris, a ordem era a de pisar no freio. Como se fez no mundo inteiro. Simonsen não conseguiu esfriar o motor: Geisel não tirou o pé do acelerador.



□□□ O governo Figueiredo limitou-se a pagar a conta e o pato. E o pior: os bancos credores pararam de rolar a dívida a partir de 1982. O modelo veio abaixo, com Delfim Netto outra vez no volante. Uma jamanta já então com motor fundido, câmbio travado e pneus na lona. Ficou no acostamento até hoje.

□□□ A Nova República progrediu na abertura política, mas regrediu na operação econômica. Juntou presidentes fracos com ministros igualmente fracos. De Sarney a Itamar, via Collor, o governo comeceou a façanha de nomear e fritar, em apenas oito anos e dois meses, nada menos de 138 ministros. Dos quais, 16 no comando da política econômica, na soma de Fazenda, Planejamento e Economia. Isso não existe no mundo. Nem no parlamentarismo italiano.